

Efeito PC prejudica títulos da dívida no mercado secundário

Valor dos títulos caiu essa semana no mercado secundário dos EUA

PAULO SOTERO
Correspondente

WASHINGTON — As incertezas políticas trazidas pelas denúncias de corrupção contra pessoas ligadas ao presidente Fernando Collor na CPI fizeram cair o valor dos títulos da dívida externa brasileira no mercado secundário. Apesar dos problemas que criam a curto prazo, elas não parecem ter afetado a perspectiva positiva com que alguns analistas continua a ver a economia.

Se existe o claro reconhecimento de que as consequências políticas das investigações do escândalo PC Farias podem perturbar a execução do programa de reformas econômicas, nos próximos meses, há também uma crescente convicção de que o corrompido sistema político brasileiro pode purificar-se, ganhar credibilidade junto à população, aumentando o espaço para um programa de modernização para valer. "Sem controle da corrupção no governo, o Brasil não alcançará a estabilidade", disse ao Estado um ex-diplomata americano em Brasília.

"Acho que a maneira como os brasileiros lidarão com a situação é mais importante do que o próprio desfecho", afirmou Joyce Chang, analista da área de mercados emergentes do banco de investimentos Salomon Brothers, de Nova York.

Depois de chegar perto dos 40 centavos, algumas semanas antes do anúncio do acordo da dívida, o papel brasileiro foi negociado ontem na faixa dos 32,5 centavos, abaixo da dívida do Panamá, Equador, Honduras e República Dominicana. Os corretores não esperam



Luiz Prado/AE

Dívida desprestigiada

Durante a gestão de Zélia Cardoso de Mello títulos brasileiros caíram a menos de 20 centavos de dólar

que os títulos brasileiros caíam abaixo dos 30 centavos de dólar. Durante a gestão de Zélia Cardoso de Mello no Ministério da Economia, eles foram a menos de 20.

A tendência, de qualquer forma, assinala uma clara queda da confiança dos investidores no País. Analistas como Chang notam, porém, que a crise política não agravou o quadro econômico nem reforçou politicamente os setores contrários às reformas. "Ao contrário, o que você vê hoje é um consenso cada vez maior sobre a im-

portância das reformas."

"Mesmo que o ministro da Economia seja forçado pelas circunstâncias a deixar o governo, não acredito que haveria alterações importantes no rumo da política econômica", disse Chang. Apesar de todas as dificuldades e riscos imediatos, ela acredita que as tendências no Congresso sugiram que a dinâmica da reforma econômica prevalecerá, "porque a elite política não deseja ser responsabilizada por uma crise econômica e uma crise política ao mesmo tempo".